

Universidade de São Paulo  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
Antropologia Crítica

Marco Aurélio Cardoso Moura, 7612304.

O que significa Black Bloc?

O que significa Black Bloc? Está é a pergunta que este ensaio pretende problematizar. Há um ano várias vozes vêm se manifestando para tentar entender esse fenômeno novo no cenário político/social no Brasil. As manifestações de junho de 2013 foram sem dúvida um marco na história deste país, com atores que tradicionalmente não faziam parte da disputa política no espaço público, ou seja, nas ruas. As ruas se transformaram num palco de múltiplas vozes, e essas vozes resignificaram e resignificam conceitos cristalizados. Eis um paradigma estabelecido.

Os setores políticos institucionais, tanto à direita quanto à esquerda e seus respectivos aparelhos ideológicos, se esforçam para entender esses fatos que ocorrem sincronicamente a uma forma passada de interpretação desses grupos. Novos paradigmas impõem revisão metodológica e menos certezas. A grande mídia, os blogueiros, os usuários de redes sociais também se manifestam neste cenário, muitas coisas já foram ditas, muitas estão sendo ditas, mas qual significado sobre os Black Blocs essa polifonia sintetiza?

Tentarei expor o discurso de algumas destas vozes a luz de dois autores que guiem uma possível interpretação destes discursos, Walter Benjamin (W. B.) e Mikhail Bakhtin (M. B). Em W. B. o conceito utilizado será o de “Capitalismo como religião”, e em M. B. o “Dialogismo”.

Capitalismo como religião

“O capitalismo deve ser visto como uma religião, isto é, o capitalismo está essencialmente a serviço da resolução das mesmas preocupações, aflições e inquietações a que outrora as assim chamadas religiões quiseram oferecer resposta. A demonstração da estrutura religiosa do capitalismo, que não é só uma formação condicionada pela religião, como pensou Weber, mas um fenômeno essencialmente

religioso, nos levaria ainda hoje a desviar para uma polemica generalizada e desmedida. Não temos como puxar a rede dentro da qual nos encontramos.” (BENJAMIN, 2013, p. 21)

Neste trecho W. Benjamin expõe sua tese de que a estrutura do sistema capitalista é igual à de uma religião. Se levarmos em conta a definição de religião para Émile Durkheim como: “Os fenômenos religiosos classificam-se naturalmente em duas categorias fundamentais: as crenças e os ritos. As primeiras são estados da opinião, consistem em representações; os segundos são modos de ação determinados. Entre esses dois tipos de fatos há exatamente a diferença que separa o pensamento do movimento.” (DURKHEIN, 1996, p.19). Diante desta definição a tese de Benjamin se choca com a de Durkheim já que o primeiro defende a religião capitalista como: “puramente cultural, talvez até a mais extremada que já existiu. Nele todas as coisas só adquirem significado na relação imediata com o culto; ele não possui nenhuma dogmática, nenhuma teologia. (...) O capitalismo é uma religião de culto permanente” (BENJAMIN, 2013, p. 21). Não tenho a intenção de aprofundar a divergência encontrada entre essas duas definições, se haveria a possibilidade de uma religião sem crença, ou se realmente não há crença no capitalismo.

A intenção principal em expor esta tese de Benjamin é tentar aproximar as vozes que falam sobre o Black Blocs da quase hegemônica criação de um “espaço do medo”, que produz uma ruptura na constante ação do culto ao capitalismo, levando em conta que o Black Blocs tem como alvo os símbolos desse “sistema religioso”.

### Voz da mídia<sup>1</sup>

Agora exporei algumas vozes de grandes mídias em reportagens publicadas desde 2013 sobre o Black Blocs.

Abaixo, trechos de reportagem feita pela revista *Veja* em 23/08/2013, intitulada “O bando dos caras tapadas – Quem são os manifestantes baderneiros dos Black Bloc, que saem às ruas para quebrar tudo.”

“Embora, àquela altura, pouca gente soubesse o que era isso, o bando de inspiração anarquista, defensor da “destruição consciente da propriedade privada” e autodeclarado inimigo do capitalismo, começava a se organizar no país. Hoje, os militantes, por assim

---

<sup>1</sup> Essa estrutura dividida em “Voz” foi inspirada em: ALVES, Maria Helena Moreira. Vivendo no fogo cruzado: moradores de favela, traficantes de droga e violência policial no Rio de Janeiro. São Paulo: Ed. Unesp, 2013.

dizer, não chegam a duas centenas por aqui. É um grupo pequeno, mas que, engrossado por vândalos de ocasião, em algumas capitais tem transformado a baderna e a violência em uma assustadora rotina.”

“O objetivo é provocar a polícia. Quando ela reage, eles se dividem: uma turma parte para cima e a outra foge para pichar muros, atear fogo em latões de lixo e destruir estabelecimentos, preferencialmente bancos, concessionárias de carros, lanchonetes de cadeia e tudo o que considerarem “símbolos do capitalismo”.

“O anarquismo, do qual derivam os black blocs, prega a organização da vida em sociedade fora da moldura do estado – segundo creem, a fonte de todos os males. Os black blocs, no entanto, assimilam apenas o subproduto desse ideário: a improvisação, a baderna e a tolerância para com certos crimes. Tudo aquilo de que o Brasil está louco para se livrar.”

Reportagem revista *Veja* de 15/02/2014, intitulada “Os Black blocs têm agora uma morte sobre os ombros: Reportagem da VEJA desta semana mostra que a máscara “libertária” do grupo caiu e revela o rosto soturno de um bando que, ao aliar inconseqüência à violência e o uso de armas letais, equipara-se a terroristas.”

“Eles não vieram com flores nas mãos. Os primeiros black blocs a surgir nas ruas brasileiras já chegaram de máscara e marreta em punho. Quebraram lojas, incendiaram ônibus e invadiram prédios públicos em badernas no Rio, em São Paulo e em outras 22 capitais. Mesmo assim, receberam olhares benevolentes de políticos (“Vários movimentos têm vários métodos distintos. Eu não sou juiz para ficar avaliando os métodos em si”, disse o deputado Marcelo Freixo, do PSOL) e francamente deslumbrados de alguns artistas (“Emma é linda. O anarquismo é lindo”, escreveu Caetano Veloso a propósito de uma black bloc, pouco antes de posar fantasiado de mascarado). Um professor da Fundação Getúlio Vargas, de São Paulo, chegou a escrever que os black blocs “usavam a estratégia da violência” porque eram “vítimas da violência cotidiana praticada pelo Estado”. A polícia e as leis brasileiras fizeram a sua parte para piorar a situação. Nove meses após o início da baderna e dezenas de arruaças depois, há apenas um black bloc preso no Rio. Em São Paulo, nenhum. Na semana passada, a leniência e a impunidade cobraram seu preço: o cinegrafista Santiago Andrade, de 49 anos, morreu em consequência de um rojão que, disparado por um mascarado, o atingiu em cheio quando trabalhava. Com a tragédia, a máscara “libertária” dos black blocs caiu para revelar o rosto soturno de um grupo que, ao aliar inconseqüência a violência e uso de armas letais, se equipara a terroristas.”

Reportagem da revista *Carta Capital* de 31/07/2013, intitulada “O Black Bloc e a resposta à violência policial: O Black Bloc não é uma organização e sim uma forma de protesto estética baseada na depredação dos símbolos do estado e do capitalismo.”

“**Black Bloc.** Paralelo a essa estratégia - e independente do MPL e congêneres - se manifestou nesse período a tática do Black Bloc, em grande parte como resposta à violência policial. O Black Bloc é composto por pequenos grupos de afinidade, muitas vezes feitos na hora, que atuam de forma independente dentro das manifestações. Mas, ao contrário do MPL, o Black Bloc não é uma organização ou coletivo e sim uma ideia, uma tática de autodefesa contra a violência policial, além de forma de protesto estética baseada na depredação dos símbolos do estado e do capitalismo. A dinâmica Black Bloc lembra mais uma rede descentralizada como o Anonymous do que um movimento orgânico e coeso.”

“Os protestos recentes e especificamente as manifestações Black Bloc têm sido usados como pretexto para pautar soluções repressoras. A mídia tem feito o trabalho de recortar as imagens de depredação e confronto sem o mínimo de contextualização, imprimindo a narrativa que melhor lhe convém, e muitas vezes criminalizando pessoas não envolvidas nos confrontos.”

Reportagem do jornal *Folha de São Paulo* de 09/03/2014, intitulada “Um perfil histórico dos Black Bloc”.

“O que distingue a tática dos black bloc não é o recurso a força, tampouco o uso de equipamentos defensivos e ofensivos em passeatas ou manifestações – ainda mais porque muitos black blocs já protestaram pacificamente sem qualquer equipamento. Na verdade o que diferencia essa tática de outras unidades de choque é sobretudo sua caracterização visual – a roupa totalmente preta da tradição anarcopunk – e suas raízes históricas e políticas nos Autonomen, movimento “autonomista” em Berlim Ocidental, onde a tática do Black bloc foi empregada pela primeira vez, no início dos anos 1980.”

“Os grupos autônomos alemães expressavam-se politicamente por meio de campanhas contra o pagamento de aluguéis e reapropriações de centenas de edifícios, que eram transformados em lares e espaço para atividades políticas.”

Reportagem do Jornal BBC Brasil de 08/10/2013 intitulada “Black Blocs cativam e assustam manifestantes mundo afora”.

“Jovens mascarados e vestidos de preto andam em grupo no meio de protestos. Portam bandeiras negras ou símbolos anarquistas, quebram vidraças, entram em confronto com a polícia e embora não possuam liderança clara, têm nome definido: Black Blocs.”

“Assim como no Brasil, onde Black Blocs têm depredado agências bancárias e concessionárias de carro, no Egito o grupo provocou a desconfiança do público e de outros manifestantes.”

"Os Black Blocs são sintomáticos de uma crescente insatisfação mundial com os governos e o sistema econômico. A violência em um movimento social sempre tende a assustar e afastar as pessoas, isso é senso comum. Mas há casos em que a violência chamou a atenção da mídia, levantou um debate público, denunciou repressões."

As quatro fontes midiáticas apresentadas acima, a saber, *revistas Veja e Carta capital, jornais Folha de São Paulo e BBC Brasil*, apresentam posicionamentos diferentes em relação aos Black bloc. Essas vozes podem ser “organizadas” em “espaços interpretativos” que revelam seus posicionamentos políticos/ideológicos.

Um possível diálogo dessas vozes com a tese de Benjamin seriam as reportagens feitas pela *revista Veja*. A utilização de adjetivos como “vândalos”, “baderneiros” e até “terroristas” explicita de forma clara qual o significado que se deseja atribuir aos Black Blocs. Esses adjetivos só são aplicáveis dentro de uma margem interpretativa que enxerga as ações dos Black Bloc como uma alteração da ordem estabelecida, ou seja, da ordem capitalista. Isso significa uma interrupção do “culto permanente” e uma reação imediata de seus “sacerdotes” para o restabelecimento da ordem.

A alteração da ordem, em certa medida naturalizada como a única possível, leva a criação do “clima de medo”. O monopólio dos meios de comunicação impõe sua visão interpretativa da realidade, adjetivando e significando negativamente aquilo que lhes ameaça. Os Black blocs, assim como os pobres, os negros, os trabalhadores sem terra, sofrem com um processo semelhante, sua qualificação como ameaça interna. Com isso o discurso da “violência justificada” ganha apoio popular, e o maior protetor da ordem capitalista, o Estado, aciona seu aparelho repressor, a polícia, e restabelece a ordem.

As outras mídias abordadas podem ser tendencionadas para outro “espaço interpretativo”. Este espaço pode ser representado como sendo menos unilateral. A tentativa de abordar os Black Blocs como um fenômeno de difícil interpretação, com reportagens mais “polifônicas”, procurando ouvir diferentes atores do processo, atribui-

lhes um caráter menos “tendencioso”. No entanto, a tentativa de síntese de algumas matérias revela a necessidade de enquadramento do fenômeno dentro de algum paradigma moderno de interpretação. “Anarquistas”, “forma de protesto estética baseada na depredação dos símbolos do Estado e do capitalismo”.

Todas essas tentativas de síntese acabam, de alguma forma, se tornando ideológicas. Em um texto chamado “Crítica e Ideologia”, Marilena Chauí define ideologia como: “Um discurso lacunar que não diz tudo porque não pode dizer tudo”. A questão é o que não se diz? Como o que não se diz poderia contribuir na formulação semântica conceitual de um objeto?

### Voz das redes sociais

Essas vozes foram extraídas de conversas feitas com “amigos” usuários do facebook. Durante conversa informal perguntei o que achavam dos Black Blocs e como haviam chegado àquela opinião. Eis algumas vozes.

Hélio (Assessor parlamentar e militante do PSOL)

Não concordo muito com a tática, não pela violência, mas pelo fato de que não abre diálogo com a população. O cidadão médio, que é quem estamos disputando, não entende a depredação. O que faz com que parte da opinião pública criminalize as manifestações. Porém, não podemos criminalizar o movimento. Nós conseguimos ver o que estão fazendo de fato. Eles atacam símbolos do capitalismo como: bancos, especuladores, patrocinadores da copa, empresas que desrespeitam o trabalhador, etc.

E sobre as mídias: As que mais acompanho são a TV aberta e na internet são sites de notícias e redes sociais.

Anderson (Militante do PT)

De início não sabia o que dizer deles, mas com a mídia caindo em cima, principalmente a Globo, fui me informar sobre eles, vi em algum site, se não me engano o UOL, uma matéria falando sobre a origem deles, sobre o início na Alemanha nazista e as ideias de defesa deles e de ir contra o sistema capitalista ou poder instalado, mas com simbologia. Fontes de divulgação, vão ficar pendentes, mas foi muito em diálogos com amigos e bate papos sobre as manifestações de junho de 2013.

Natalia (Estudante de psicologia)

Então: Assim como eles, eu também não os considero como um grupo. Entretanto, podemos perceber algumas características que indicam certa identificação grupal nas pessoas que fazem parte dessa ação chamada Black blocs. Eu falo isso, a partir de características que essas pessoas possuem em comum, por exemplo o modo delas se comportarem e de se vestirem (claro que essas características não se limitam a questões objetivas e concretas. Subjetivamente, essas pessoas também se identificam com a ação) O problema seria se essa identificação se tornar muito forte e impedir que posições diferentes também se identifiquem com a ação. Daí poderia acontecer o chamado "Massificação do Eu". Ou seja, um amontoado de pessoas, que ficam juntas e fazem as mesmas coisas sem saber por quê. Isso é um perigo. Geralmente esse movimento acontece em sistemas totalitários. Eu não estou sabendo explicar, mas o que eu quero dizer é que eles não são um grupo, mas possuem características grupais e há um perigo disso se tornar algo totalitário, como qualquer outro agrupamento de pessoas. As bases que eu usei para falar sobre isso são minhas concepções como aluna de psicologia. Acho que a mídia tenta criminaliza-los e com isso enfraquecer essa ação.

Thiago (Publicitário)

Cara... Acompanho pouco agora

Eu acompanhava muito pela net..

Li alguns blogs e lia muito a folga de SP. Acho q não é a forma mais positiva de se protestar, mas é a mais funcional.

Se você quebrar você tem a atenção.

O problema é que a maior divulgação é sobre a depredação e não os motivos.

Isso que "fode" com os caras.

Se for bem estruturado e quebrar os lugares certos eu assino em baixo.

Não participo, mas concordo.

Fernando (Agente de pastoral da igreja católica)

Primeiro: as mídias que me influenciaram foram sites e blogs se internet, e televisão.

Acho que os Black blocs são uma movimento organizado de manifestação, só não concordo com a estratégia de manifestação.

Acho que o uso de violência ainda não é o caminho. Acho que a medida que vão se envolvendo mais em cenas de violência isso faz perder a razão das manifestações.

E é um tipo de estratégia que faz ressoar o medo nas pessoas, ajudando no objetivo das grandes mídias.

Por isso acho uma estratégia ineficaz.

Dirceu (Professor de idiomas)

Repudio toda violência, daqui (*lugar onde mora*) só vejo esse lado deles não sei por dentro o que são.

O que sei é pela TV aberta.<sup>2</sup>

### O signo ideológico

O signo ideológico é um conceito de Mikhail Bakhtin que pode nos ajudar a entender como o signo é um produto das relações dialógicas e a criação dos conceitos<sup>3</sup> é um produto ideológico.

“Tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um *signo*. *Sem signo não existe ideologia.*”  
(...)

“O mesmo se dá com um instrumento de produção. Em si mesmo, um instrumento não possui um sentido preciso, mas apenas uma função: desempenhar este ou aquele papel na produção. E ele desempenha essa função sem refletir ou representar alguma outra coisa. Todavia, um instrumento pode ser convertido em signo ideológico: é o caso, por exemplo, da foice e o martelo como emblema da União Soviética. A foice e o martelo possuem, aqui um sentido puramente ideológico. Todo instrumento de produção pode, da mesma forma, se revestir de um sentido ideológico: os instrumentos utilizados pelos homem pré-histórico eram cobertos de representações simbólicas e de ornamentos, isto é, de signos. Nem por isso o instrumento, assim tratado, torna-se ele próprio um signo.”  
(...)

“Essa cadeia ideológica estende-se de consciência individual em consciência individual, ligando umas as outras. Os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra. E a própria consciência individual está repleta de signos. A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social.”

---

<sup>2</sup> A transcrição tentou manter ao máximo as falas produzidas no facebook, foram feitas apenas correções ortográficas.

<sup>3</sup> Este termo vem da linguística de Saussure que defini signo linguístico sendo composto de significado e significante ou *conceito* e imagem acústica.



(...)

“*A consciência individual é um fato socioideológico*” (BAKHTIN, 2012, ps. 31 a 35).

A *Voz das redes sociais* dialoga diretamente com a *Voz da mídia*, há uma relação de interação entre as duas, esse é o constante movimento que permeia o sistema de informação. A partir desta troca é possível verificar traços semânticos de influencia no discurso de um no do outro e vice versa. Os vários significados aparentes sobre os Black Blocs revelam a ausência de consenso social, porém existe alguns conceitos comuns atribuídos a eles, por exemplo, a violência, o ataque a símbolos capitalistas.

São os “conceitos comuns” que nos ajudam a entender a afirmação de Bakhtin que “*A consciência individual é um fato socioideológico*”.

A violência é um conceito que esta sendo semanticamente atrelado aos Black Blocs. Complementando a ideia de Benjamin, Z. Bauman define violência como: “Se produzir ordem significa atuar coercivamente sobre as coisas na direção da *regularidade*, “violência” significa coerção *irregular*, e, como tal, enfraquece aqui e agora a regularidade, aquela regularidade que é sinônimo de ordem. Essa coerção é a violência.” (BAUMAN, 2011, p. 195).

“Os bárbaros serviram como um instrumento central na “implantação do medo” (Reemtsma) moderno, a emoção que a modernidade se mostrou ardente em propagar, uma vez que acrescentou urgência e até um aparente sentido para as sempre novas transgressões que a “modernização” se determinou a realizar. E eles também serviram como instrumento de reprodução e estratificação de hegemonia cultural. Algo mais que uma pitada de barbarismo foi aspergido sobre os kits identitários oficiais dos indolentes, imprevidentes, instáveis e irresponsáveis pobres; também sobre os passionais, imprudentes e frívolas mulheres, as minorias culturais/étnicas embaraçosas e resistentes à assimilação, e qualquer outra categoria considerada barulhenta e obstinada demais para ser mantida a distância com segurança por medidas ordinárias da coerção cotidiana – fossem eles criminosos (os objetos de coerção extra da penologia), deficientes mentais (sujeitos a coerção extra da psiquiatria), ou inúmeros outros degenerados.” (idem, p. 198).

Apesar dos Black Blocs serem um “produto” ocidental moderno, por estarem contrários a ordem vigente, são por muitos intitulados de “bárbaros”. A relação estabelecida entre os Black blocs e a violência é de fundamental importância para se entender como eles estão sendo interpretados pela sociedade.

Insisto nas características do cenário capitalista de atuação dos Black Blocs porque todo o seu significado está atrelado às regras sociais deste cenário. E dentre as que aqui já foram problematizadas, há uma ainda que possui relevância. Segundo Bauman: “Com a atenção pública entediada e *blasée* por desvios cada vez mais abundantes e sinistros, apenas choques mais fortes que os de outrora mantêm uma chance de capturá-la. Há, portanto, uma tendência de aumento do poder impactante dos choques, com a ingenuidade, a malícia, a gratuidade e a insensatez das ações violentas vistas acertadamente como a melhor estratégia.” (Idem, p. 214).

O mesmo Walter Benjamin do “Capitalismo como religião”, também escreveu outro ensaio importantíssimo chamado “O Narrador”, nele criticou a sociedade capitalista por desvalorizar a narrativa e a memória e enfatizar unicamente a informação, definindo-a como efêmera. Isto dialoga diretamente com a afirmação anterior de Z. Bauman.

“A consciência individual é um fato socioideológico”. O problema é quando o processo dialógico que forma essa “consciência socioideológica” acompanha a mesma velocidade da produção de informações efêmeras da sociedade capitalista. O mesmo processo de significação que se aplica aos Black blocs poderia ser diagnosticado também para outros fenômenos como os “Rolezinhos”.<sup>4</sup>

Voltando a pergunta inicial. O que significa Black bloc? Chego à conclusão que não conseguimos chegar há uma síntese significativa deste fenômeno. O processo dialógico que aconteceu e acontece nas grandes mídias, redes sociais, blogs, nas universidades, etc., não conseguiu romper com o modelo de análise que é produzida na mesma velocidade da informação, sem grandes sínteses perenes.

Sendo o signo ideológico como definiu Bakhtin, que ele assim o seja por uma consequência de seu processo dialógico e não uma síntese lacunar e unilateral do ponto de vista da classe política/econômica dominante.

#### Uma possível superação

Bertold Brecht: An die Nachgeborenen

I

Wirklich, ich lebe in finsternen Zeiten!

Das arglose Wort ist töricht. Eine glatte Stirn

---

<sup>4</sup> Os Rolezinhos foram “passeios” coletivos realizados em grande número por jovens da periferia que ocuparam shoppings em varias capitais do Brasil.

Deutet auf Unempfindlichkeit hin. Der Lachende  
Hat die furchtbare Nachricht  
Nur noch nicht empfangen.

I  
É verdade, eu vivo em tempos negros.  
Palavra inocente é tolice. Uma testa sem rugas  
Indica insensibilidade. Aquele que ri  
Apenas não recebeu ainda  
A terrível notícia.  
(tradução: Paulo César de Souza)

O trecho acima do poema de Bertolt Brecht *Aos que vão nascer* é bastante pertinente para simbolizar o nosso tempo. Frutos de uma herança da modernidade fomos encurralados nas trincheiras de uma contemporaneidade desgastada que não abre mão de seus (pre)conceitos.

Diante deste cenário Boaventura de Souza Santos, sociólogo português tem uma proposta interessante de superação. Abaixo alguns incertos de seu texto *Uma Sociologia das ausências e uma Sociologia das emergências*.<sup>5</sup>

“Em cada um dos cinco domínios, o objetivo da sociologia das ausências é revelar a diversidade e multiplicidade das práticas sociais e credibilizar esse conjunto por contraposição à credibilidade exclusivista das práticas hegemônicas. A ideia de multiplicidade e de relações não destrutivas entre os agentes que a compõem é dada pelo conceito de ecologia: ecologia de saberes, ecologia de temporalidades, ecologia de reconhecimentos, ecologia de escalas de pensamento e ação e, finalmente, ecologias de produtividades (produções e distribuições sociais). Comum a todas estas ecologias é a ideia de que a realidade não pode ser reduzida ao que existe. Propõem uma versão ampla de realismo, que inclui as realidades ausentes por via do silenciamento, da supressão e da marginalização, isto é, as realidades que são activamente produzidas como não existentes.”

“A razão proléptica é a face da razão indolente quando concebe o futuro a partir da nomenclatura do tempo linear. Esta monocultura do tempo linear, ao mesmo tempo em que contraiu o presente, como vimos atrás ao analisar a razão metonímica, dilatou enormemente o futuro. Porque a história tem o sentido e a direção que lhe são conferidos pelo progresso, e o progresso não tem limites, o futuro infinito. Mas porque

---

<sup>5</sup> SANTOS. Boaventura de Sousa. A gramática do tempo: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.

o futuro está projetado numa direção irreversível ele é, como bem identifica Benjamin, um tempo homogêneo e vazio (Benjamin, 1969: 261, 264).” (SANTOS, 2006, P. 115).

As palavras acima denunciam parte das causas que tem nos levado a interpretações no mínimo efêmeras de fenômenos como os Black Blocs. A constante necessidade de instrumentalizar o presente como uma etapa a se superar para se alcançar um futuro inexistente, nos leva ao encurtamento do presente e ao alargamento do futuro.

Superar esta dinâmica poderia desenvolver outro processo dialógico na sociedade. Não necessariamente deveria ser um dialogismo que tente alcançar a totalidade dos fatos, pois isso a atual dinâmica já tenta fazer, mas admitir a incompletude do saber e nos ensinando a aceitar as incertezas.

#### Referências bibliográficas

ALVES, Maria Helena Moreira. *Vivendo no fogo cruzado: moradores de favela, traficantes de droga e violência policial no Rio de Janeiro*. São Paulo: Ed. Unesp, 2013.

BAKHTIN, M. M. "Estudos da ideologia e filosofia da linguagem". In: *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. "A violência pós-moderna". In: *Vida em fragmentos: sobre a ética pós-moderna*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BENJAMIN, Walter. *O capitalismo como religião*. Organização Michael Lowy. São Paulo: Boitempo, 2013.

\_\_\_\_\_. "O Narrador". In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRECHT, Bertolt. *Poemas 1913-1956*. Seleção e tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Ed. 34, 2000.

CHAUÍ, Marilena. "Crítica e ideologia". In: *Cultura e democracia: O discurso competente e outras falas*. São Paulo: Cortez, 2011.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2006.